

**A REVISTA *L'ORDINE NUOVO* E A CRIAÇÃO DA ESCOLA DO TRABALHO: A
RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO DAS MASSAS E A EDUCAÇÃO DO
EDUCADOR DAS MASSAS**

Eixo: Gramsci e o Marxismo

Karine Martins Sobral¹
Maria Susana Vasconcelos Jimenez²
Betânia Moreira de Moraes³

Resumo

Consideramos importante expor as elaborações de Gramsci no periódico *L'Ordine Nuovo*, pois entendemos que compreender em linhas gerais os diferentes termos do legado gramsciano acerca da educação é imprescindível para evitarmos incorrer em algumas distorções de seu pensamento. O presente trabalho propõe uma discussão em torno da criação da Escola do Trabalho, exposta na Revista *L'ordine Nuovo*, assumindo como objetivo central examinar a relação entre a educação das massas e a educação do educador das massas, no intuito de constatar considerações implícitas acerca da categoria do trabalho como princípio educativo no periódico *L'Ordine Nuovo*. Para tanto, nos apoiaremos no próprio Gramsci, no entanto faremos isso a partir de dois grandes intérpretes, mormente, no que diz respeito à questão educacional, quais sejam, Del Roio (2006) e Nosella (2004).

Palavras-chave: *L'Ordine Nuovo*; Escola do Trabalho; Educação das Massas.

Abstract

We consider very important to expose Gramsci's elaboration of *L'Ordine Nuovo* periodical, because we believe that understand in general terms the different kinds of Gramsci's legacy about education is essential to avoid incurring some distortion of his thoughts. This article proposes a discussion around the creation of the School of Labor, exposed in the journal *L'Ordine Nuovo*, taking as its main objective to examine the relation between the education of the masses and education of the educator of the masses, in order to find implicit considerations about category of work as an educative principle in the *L'Ordine Nuovo* journal. For this purpose, we will use as the basis Gramsci himself, however we will do so from two great performers, especially in regards to education issue, namely Del Roio (2006) and Nosella (2004).

Keywords: *L'Ordine Nuovo*; School of Labor; Education of the Masses.

¹ Integrante do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana; Profª da Universidade Federal do Maranhão – UFMA

² Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário-IMO; Profª PHD Aposentada da Universidade Federal do Ceará - UFC e da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

³ Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário-IMO; Profª Dra. da Universidade Estadual do Ceará – UECE

Introdução

As considerações de Gramsci acerca da questão educacional não se restringem ao âmbito escolar. Observam-se, ainda, na obra do revolucionário sardo, distintas elaborações teóricas referentes à educação, que estão vinculadas aos diferentes momentos históricos por ele vivenciados.

Construímos nosso artigo a partir do legado gramsciano, apoiando-nos significativamente, nas contribuições de três dos seus maiores intérpretes, mormente, no que diz respeito à questão educacional, quais sejam, Del Roio (2006), Nosella (2004) e Manacorda (2008), no intuito de evidenciar o percurso realizado por Gramsci a partir da identificação dos elementos vinculados à gênese e à evolução da tese do trabalho como princípio educativo.

O contexto histórico do período pós-guerra fortaleceu o PSI (Partido Socialista Italiano), que chegou ao final de 1919 com 156 deputados. Apesar disso, conforme nos explica Del Roio (2006), para Gramsci e seu grupo, esse Partido ainda não compreendera com clareza as possibilidades da revolução e a necessidade de dar forma política às massas agitadas pela guerra.

A fim de suprir essa carência, fundam a revista semanal de cultura socialista *L'Ordine Nuovo*, para elaborarem coletiva e efetivamente uma proposta formativa de natureza revolucionária, que integrasse o mundo do trabalho com o mundo da cultura, tendo como ponto de partida o trabalho industrial moderno, a fábrica; que, afirma, deveria “educar” até mesmo os partidos e sindicatos, por meio de suas instâncias organizativo-culturais de base historicamente socialistas.

Segundo Del Roio (2006), ademais, para Gramsci, os problemas políticos mantinham uma íntima relação com os problemas educacionais. E, para analisar essa questão, o autor (2006) realiza uma pesquisa baseada nos escritos políticos de Gramsci, condensados na revista *L'Ordine Nuovo*, afirmando que, nesse periódico (1919-1926), Gramsci passaria por três momentos distintos de elaboração sobre o assunto.

Primeiramente, privilegia a auto-educação dos trabalhadores no processo produtivo (1919-1920); posteriormente, com a ruptura com o PSI e a fundação do PCI (Partido Comunista Italiano), centra suas discussões na necessidade de educar tal Partido (1921-1922); e, por fim, versa acerca da importância em se educar o educador das massas (1923-1926).

O grupo composto por Gramsci, Terracini, Tasca e Togliatti, que disputavam posições políticas no interior do PSI, fundou uma revista semanal socialista que levou o seu próprio nome – *L'Ordine Nuovo* – que significa A Nova Ordem, a fim de discutir os problemas que envolviam a construção da revolução italiana.

A revista *L'Ordine Nuovo* é fundada em 1919, portanto, num momento em que finda a Primeira Guerra Mundial e o continente europeu estava imerso em uma situação revolucionária, decorrente da eclosão da revolução proletária na Rússia, em 1917. A Revista surge, nesse contexto histórico, em que estava colocada a possibilidade concreta de efetivação de uma nova forma de sociabilidade, com o objetivo de “[...] promover o nascimento de grupos livremente constituídos no seio do movimento socialista e proletário para o estudo e a propaganda dos problemas da revolução comunista [...]” (GRAMSCI, 1973, v. II, p. 19 *apud* DEL ROIO, 2006, P. 312).

Nosella (2004, p. 65) ressalta que, a partir desse momento,

[...] Gramsci abandonava, em termos ideológicos-educativos, a linha da mera crítica e oposição e se aplicava, com rigor e com o máximo esforço, na elaboração de uma proposta de política nacional efetiva e revolucionária com base nos conselhos de fábrica, nos quais, ele pensava, sindicatos e Partido deviam se apoiar.

Os anos de 1919-1920 são conhecidos como o biênio-russo, durante o qual, a Itália se encontrava numa efervescência revolucionária e se abria a possibilidade de uma maior divulgação da propaganda socialista, em que muitos aderiram aos ideais revolucionários, crendo na possibilidade efetiva de se estourar uma grande insurreição protagonizada pela classe trabalhadora naquele momento. Nosella (2004, p. 63) nos explica o contexto histórico vivenciado por Gramsci nesse período:

O período do pós-guerra (1919-1921) pode ser considerado um momento de apogeu para as aspirações revolucionárias e proletárias do mundo inteiro. Foram anos de autêntica “primavera” para o trabalho político-organizativo socialista. Trabalhava-se nas praças, nas ruas, nos jornais, nos campos, nas fábricas, nas sedes dos partidos com a perspectiva concreta, a médio e a curto prazo, da revolução socialista. De fato, o exemplo da revolução, que estava dando certo, brilhava fortíssimo no triste quadro de uma guerra burguesa recém acabada e acendia nos ânimos dos socialistas a esperança de que a revolução socialista era mesmo possível.

Del Roio (2006) nos esclarece que, em todo o período que antecedeu a fundação do *L'Ordine Nuovo*, Gramsci se destinou a criticar o sistema educacional italiano, o qual, conforme apontado acima, acabava por destinar o ensino técnico aos trabalhadores e o ensino humanista à burguesia.

Naquele momento de evidente efervescência (1919-1920), quando os operários – organizados nos conselhos de fábrica – tomam o controle das fábricas⁴, Gramsci se encontrou diante do desafio de “[...] pensar uma escola socialista unitária, que articulasse o ensino técnico-científico ao saber humanista” (DEL ROIO, 2006, p. 312), com o objetivo de fazer com que os trabalhadores, através da apropriação do conhecimento, mantivessem sua autonomia em relação aos intelectuais da burguesia, formando, assim, intelectuais de novo tipo. Ou seja, Gramsci já demonstra nos escritos políticos a necessidade de propor uma alternativa de escola que unisse ensino manual e intelectual, projeto esse que ele irá desenvolver, posteriormente, no cárcere.

Gramsci defende, ainda, a criação de uma Associação de Cultura, para que fosse ensinado aos trabalhadores o percurso histórico trilhado pelo conjunto da humanidade até os dias atuais, a fim de que os trabalhadores pudessem não apenas “[...] gerenciar o processo produtivo, mas a própria administração pública de um novo Estado operário e socialista” (DEL ROIO, 2006, p. 314). Tal Associação seria “[...] o terceiro órgão [instituição] do movimento de reivindicação da classe trabalhadora italiana” (GRAMSCI *apud* DEL ROIO, 2006, p. 313).⁵

De início, no entanto, o problema da auto-organização e auto-educação das massas não era perceptível ao próprio sindicato e ao partido. *L'Ordine Nuovo*, por exemplo, quando começou a desenvolver suas atividades, em 1919, apresentava-se “[...] como um transmissor de certa cultura acumulada, mas subalterna”. A reorientação editorial e política da Revista vai se dar apenas em fins de junho de 1919, quando Gramsci percebe que a auto-educação dos trabalhadores dependia muito menos do sindicato e do partido e muito mais dos próprios trabalhadores, inseridos nos Conselhos de Fábrica, a exemplo dos *soviets* russos.

Ao mesmo tempo em que o revolucionário sardo negava a educação oferecida pelo Estado, em contrapartida se deparava com a fragilidade do sindicato e do partido para oferecerem educação para a classe trabalhadora.

Daí a guinada do periódico *L'Ordine Nuovo* à práxis. Assim, em torno do periódico formaram-se “comissões de cultura, guiadas pela ideia de um *soviet* de cultura proletária” (DEL ROIO, 2006, p. 315). No entanto, o núcleo central da atividade das comissões de cultura era o conselho de fábrica, “[...] visando à construção do trabalho livre associado [...]

⁴ Os conselhos de fábrica eclodiram em Turim, entre 1919 e 1920, no contexto de uma situação revolucionária no continente europeu, consistindo, nas palavras de Del Roio (2006, p. 315), numa “frente da revolução socialista internacional”.

⁵ O primeiro órgão seria o Partido e o segundo seria a Confederação do Trabalho.

pois, é no processo produtivo mesmo que se encontra o fundamento do processo de auto-educação e de auto-emancipação do trabalho” (DEL ROIO, 2006, p. 315).

O grupo do *L'Ordine Nuovo* compreendeu que a auto-educação dos trabalhadores se daria predominantemente no processo produtivo e que os próprios trabalhadores, através da união de seus conhecimentos técnicos a um conhecimento de cultura, é que iriam educar os sindicatos e o partido.

Gramsci entendia cultura no sentido mais amplo do termo, implicando a necessidade de transmitir à classe trabalhadora o conhecimento acumulado historicamente, voltado para que os trabalhadores se reconhecessem enquanto classe. Entendessem que são explorados e por que são explorados, admitindo, por conseguinte, a possibilidade concreta encerrada numa alternativa para transformar essa realidade, em suma, apropriando-se da proposta política engendrada pela tradição socialista, para que se desenvolvessem capazes de dirigir o processo de transição de uma forma de sociabilidade a outra, atribuindo sistematicamente às instituições proletárias, a função de educar as massas.

Del Roio (2006) lembra, nesse sentido, o quanto atentava Gramsci para a experiência da Rússia e da Hungria, a qual, a seu juízo, evidenciava que os conselhos eram organismos fundamentais da democracia operária de base, mantendo a autonomia da classe em relação ao Estado, em contraste com o sindicato e o partido que se mantinham como instituições ligadas ao Estado Burguês.

A necessidade do sindicato e do partido de se submeterem ao espaço público se daria no sentido de evitar que esses organismos se burocratassem e que seus intelectuais se voltassem contra a classe trabalhadora, o que significa dizer que os conselhos de fábrica representariam uma organização operária superior aos sindicatos e aos partidos.

A essa altura da nossa exposição, devemos registrar que, em dezembro de 1920, Gramsci criou uma escola em torno da revista *L'Ordine Nuovo*, com o objetivo de ensinar aos operários que a solução dos problemas advindos com a Primeira Guerra Mundial se daria com a implantação de um Estado operário e, por isso, era necessário ensinar os operários a gerir a fábrica, isto é, “[...] educar os proletários para a gestão da fábrica comunista e para o autogoverno” (GRAMSCI *apud* NOSELLA, 2004, p. 74). Gramsci entendia que os conselhos de fábrica se constituíam o germe do Estado operário, “[...] da ditadura do proletariado, entendido como sistema nacional de conselhos operários e camponeses organizado em poder estatal” (GRAMSCI *apud* NOSELLA, 2004, p. 74).

Del Roio (p. 315), por sua vez, ao interpretar Gramsci, afirma que,

O conselho deve, então, ser a base e o fundamento do Estado operário e socialista, das suas instituições sociais. Assim, **a escola no Estado de transição deve ser uma escola do trabalho** que se emancipa, uma escola que constrói e organiza o trabalho livre associado. Nessa escola, a ação laboriosa e disciplinada articula-se ao conhecimento da técnica, da ciência e da vasta cultura humanista. **O método e o princípio pedagógico fundamentam-se no processo produtivo fabril, coletivo e solidário** (grifos nossos).

A escola organizada pelo periódico se iniciou em 1920, quando o movimento dos conselhos de fábrica já se desmontava devido, fundamentalmente, ao surgimento de grupos fascistas. As bases dessa escola deveriam ser “[...] o método, a disciplina e a solidariedade próprios do mundo do trabalho” (DEL ROIO, 2006, p. 316), preparando os trabalhadores para um mundo do qual eles já faziam parte. Nas palavras do Del Roio (2006, p. 315)

[...] o objetivo da escola do trabalho era o de educar o proletariado para a autogestão da produção e para a administração pública, entendida como autogoverno. Na **escola do trabalho** é que também seriam lapidados os intelectuais gerados pela própria classe operária, em condições de criar uma nova cultura, distinta e contraposta à da intelectualidade burguesa e mesmo reformista. Logo, a escola do trabalho encontra o seu método e o seu fundamento na ação dos produtores, mas o seu objetivo é o de contribuir para a construção do homem comunista, do trabalho livre associado. Para isso, é imprescindível o controle da produção e do instrumento de trabalho, o que implica conhecimento técnico e científico.

Entendemos que, nesse momento, já nos escritos políticos, Gramsci começa a ensaiar a elaboração de uma escola que tenha como base o princípio educativo do trabalho. É importante fazermos a ressalva de que aqui, no periódico *L'Ordine Nuovo*, Gramsci está destinando suas elaborações aos trabalhadores que já deteriam a dimensão técnica adquirida no próprio processo de trabalho e que precisam entender sua atividade no conjunto das relações sociais capitalistas, a fim de compreenderem a tarefa que lhes cabe: a emancipação dos trabalhadores.

Gramsci chama a atenção para o fato de que:

[...] essa consciência se forma não sob a pressão brutal das necessidades fisiológicas, mas através da reflexão inteligente (primeiro de alguns e depois de toda uma classe) sobre as razões de certos fatos e sobre os meios para convertê-los, de ocasião de vassalagem, em bandeira de rebelião e de reconstrução social. O que significa que toda revolução foi precedida por um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural, de impregnação de ideias em agregados de homens que eram inicialmente refratários e que só pensavam em resolver por si mesmos, dia a dia, hora a hora, seus próprios problemas econômicos e políticos, sem vínculos de solidariedade com os que se encontravam na mesma situação. (GRAMSCI, 2004, 58 - 59).

Diante da derrota do movimento dos conselhos de fábrica, em fins de 1920, e da confirmação, pela história, da insuficiência dessa ação política educativa, organizada pelo partido e pelos sindicatos - e também da capitulação desses organismos à esfera do governo, negociando com o Estado e os setores patronais à revelia dos conselhos - Gramsci vislumbrou a necessidade de construir um novo instrumento político, no intuito de reorganizar os trabalhadores diante de uma nova conjuntura, delineada pelo avanço dos grupos fascistas. No caso, como se pode perceber, Gramsci mudava de tática movido pela modificação na conjuntura política da Itália.

É nesse período que acontece a primeira cisão do PSI, o que ocorreu em janeiro de 1921, surgindo, dessa forma, o PCI, a nova conformação política fundada pelo grupo *L'Ordine Nuovo*, no intuito de formar um novo instrumento de luta da classe operária para esse momento histórico em que se desenhava, aos olhos de Gramsci, o perigo de ascensão do fascismo.

As escolas do trabalho (fundadas em torno do periódico *L'Ordine Nuovo*) são extintas pela ofensiva do capital, com o advento do fascismo. Esse fato atestava, para Gramsci, o despreparo da classe trabalhadora para assumir a direção do processo produtivo e do Estado, o qual, em contrapartida, reconhecia a existência de quadros políticos capazes de se tornarem um Partido Revolucionário.

Ocorria que, no período de fundação do Partido (PCI), a maioria dos componentes do novo Partido Comunista associava-se a um grupo político que seguia as orientações de Amadeo Bordiga⁶, o qual se contrapunha à aliança operário-camponesa, bem como apresentava discordância com Gramsci quanto à relação entre as massas e o partido, concebendo esse último apartado e acima das massas, ou seja, “[...] um órgão específico que concentraria a ciência da classe” (DEL ROIO, 2006, p. 317).

Portanto, frente a essa nova conjuntura nacional, caberia ao grupo *L'Ordine Nuovo*, em contraposição às posições do grupo de Bordiga, a função precípua de educar o educador, ou seja, educar os quadros políticos, que compunham o PCI, em outras palavras, formar a vanguarda do movimento operário. Tratava-se, pois, de “[...] ao PCI ser transmitida a lição apreendida da espontaneidade das massas, da experiência concreta dos conselhos de fábrica como embrião de um Estado operário” (DEL ROIO, 2006, p. 318).

⁶ Fundador de *Il Soviet* (1918) e, posteriormente, do PCI. “Desde 1918, Bordiga apoiava a Revolução Russa e foi o principal fundador do Partido Comunista na Itália. Dele foi expulso em 1930, por divergências teórico-políticas com a nova maioria que se formara” (DEL ROIO, 2006, p. 328).

Por esse prisma, o periódico passa a tecer elaborações diárias para, através da compreensão do que era o fascismo, conscientizar os trabalhadores para resistir e disputar a direção do movimento operário. Vale ressaltar que muitos socialistas aderiram ao fascismo e, por isso, se tornava premente que o periódico se destinasse a disputar a consciência dos trabalhadores no interior do movimento operário.

O grupo *L'Ordine Nuovo* passava por enormes dificuldades dentro do PCI, não só pelo fato de o antigo PSI estar vinculado à Internacional Comunista, a qual se posicionava a favor da re-união dos dois partidos, mas também por representar a minoria no interior do Partido, num momento em que precisava juntar forças para enfrentar o fascismo. Nesse contexto, Gramsci optou por se submeter, temporariamente, à maioria do Partido.

Em 1922, Gramsci foi enviado à Rússia pela Internacional Comunista e lá entrou em contato com o bolchevismo e a obra de Lênin, o que passou, desde então, a ser uma marca indelével em sua própria obra, amadurecendo, a necessidade de pensar a via italiana para o comunismo, confrontando-se assim com as concepções teóricas de Bordiga e Tasca que enxergavam o intelectual descolado das massas, o que, nas palavras de Del Roio, consistia numa “[...] compreensão muito tosca da dialética” (2006, p. 319). Em verdade, ao contrário de Gramsci, esses dois teóricos não entendiam que o educador também precisava ser educado pelas massas, no terreno concreto da luta de classes.

Nosella (2004, p. 90) ressalta que, por ocasião dessa viagem à Rússia, Gramsci

[...] conheceu diretamente pessoas interessantíssimas: Lênin, Martov, Zinoviev, Bukarim, Trotsky etc. Durante essa estadia na Rússia se interessou muito pelos debates sobre a questão da Escola do Trabalho, sobre o Fordismo e o Americanismo: os seus cadernos fazem várias referências às teses que nesse momento eram debatidas na Rússia sobre o trabalho como princípio educativo. (NOSELLA, 2004, p. 90)

O maior objetivo de Gramsci, conforme explica Del Roio (2006), não era o de garantir que o antigo grupo *L'Ordine Nuovo* fosse predominante no PCI e sim de construir um grupo dirigente que fosse capaz de organizar um novo “sistema educativo” adequado à nova conjuntura política. O sistema educativo ao qual Gramsci se refere não é o sistema educativo oficial e sim um sistema educativo organizado pelo partido comunista para educar seus militantes. Nas palavras de Del Roio (2006, p. 320), isto significa que esse grupo (dirigente) deveria

[...] educar-se a si mesmo, na medida em que ele próprio se formava, superando o espírito de cisão e, ao mesmo tempo, deveria ser capaz de assimilar a melhor expressão de cultura e ação geradas no seio da própria

classe trabalhadora. Além de se auto-educar, o educador deveria continuar sendo educado pelo educando [...]

A questão é que nesse momento o projeto de Gramsci fora interrompido pela repressão fascista. O projeto de uma escola unitária será desenvolvido, mais tarde, no Caderno 12, embora sua intenção já se fizesse presente nos escritos políticos.

Como demarca Del Roio, o terceiro momento de elaboração de Gramsci acerca da educação tem lugar em 1923, quando este se encontrava em Viena, enviado pela Internacional Comunista. Nesse momento, muitos quadros do partido comunista foram dizimados por “três longos anos de terror branco” (NOSELLA, 2004, p. 92) e, nesse contexto, Gramsci entendia ser o momento de se voltar para “[...] o interior das sedes do partido ou, mais exatamente, para os esconderijos da clandestinidade [...]” (NOSELLA, 2004, p. 92).

Nessa conjuntura, para Gramsci, havia duas tarefas importantes. A primeira dizia respeito à necessidade de retomar a ideia dos conselhos, insistindo na frente única (aliança operário-camponesa) contra o fascismo, adaptando a palavra de ordem de “conselhos de fábrica” para “poderosa organização do proletariado” (NOSELLA, 2004, p. 93). Já o segundo ponto importante consistia em “[...] formar os quadros, assim como já fizera em 1919-1920 na Escola de *L'Ordine Nuovo*, valendo observar que, naqueles anos, a escola funcionava em regime de liberdade e agora a liberdade não existe. Por isso, Gramsci pensa numa escola por correspondência” (NOSELLA, 2004, p. 93).

Para tanto, Gramsci resolveu retomar a revista *L'Ordine Nuovo*, editando-a quinzenalmente, no intuito de formar entre as massas de operários e camponeses uma “[...] vanguarda revolucionária capaz de criar o Estado dos conselhos de operários e camponeses e de fundar as condições para o advento e a estabilidade da sociedade comunista” (GRAMSCI *apud* DEL ROIO, 2006, p. 321).

Além disso, contava, também, com o *L'Unità*, um jornal destinado à classe operária, assim como sugeriu a publicação de textos necessários para uma escola do partido. Devido à perseguição da reação fascista, a escola poderia funcionar por correspondência, embora esse não fosse o melhor método, no entender de Gramsci. Pensou também numa revista mais diretamente destinada aos intelectuais que poderia se chamar *Crítica Proletária*, que objetivava confrontar-se com a cultura dominante.

Para formar os quadros do futuro Estado proletário, agora não mais contando com um regime de liberdade, Gramsci pensa, como assinalamos acima, numa escola por correspondência. Reconhece, porém, que essa não é a melhor fórmula pedagógica de formação, sendo apenas a possível no momento. E será Gramsci o responsável pela redação

da 1ª e da 2ª apostilas que orientariam tal curso, que foram editadas em abril/maio de 1925, sob clima de ilegalidade e imensa repressão.

Para Del Roio (2006), Gramsci considerava a criação de pequenas escolas do partido como o primeiro passo a ser dado para a emancipação espiritual dos trabalhadores. O material pedagógico deveria constar de manuais contendo questões elementares do marxismo, assim como sobre a realidade econômica e política da Itália. Portanto, conforme Del Roio (2006, p. 322)

Esse projeto de educação concomitante da vanguarda operária e das massas começou a ser empreendido tão logo Gramsci retornou à Itália, em 1924, como deputado e principal dirigente do PCI. O jornal e a revista tiveram um sucesso significativo, sempre considerando as imensas dificuldades postas pela repressão fascista. A escola tomou mais tempo para ser posta em andamento, mas não resta dúvida de que seria um elemento a mais para preparar a militância para os debates do III Congresso do PCI, que seria realizado no início de 1926.

Como nos esclarece o mesmo autor, essas escolas não obtiveram êxito. E isso, para Gramsci, se dera por dois motivos: por serem iniciativas isoladas, fator que dificultava a capacidade de elaboração teórica; e pela desvinculação entre a escola e o movimento real da luta de classes.

E, em contrapartida, o êxito obtido pelo grupo do *L'Ordine Nuovo* se fundamentava justamente na vinculação entre as necessidades impostas pelo movimento e o processo educativo, o que possibilita que o educador seja educado na luta concreta, compreendendo o caráter prático de determinadas discussões teóricas, ou seja, apropriando-se da teoria elaborada pela tradição socialista, a fim de aprender a analisar a realidade atual a partir do conhecimento e das experiências acumuladas pelos lutadores antecessores.

Contudo, a iniciativa de Gramsci em organizar uma escola para “militantes do proletariado”, a partir de 1924, encontrou sérias dificuldades, como: o fato de a reforma Gentile (1922) acentuar o caráter dual do sistema educativo italiano, além de o proletariado contar com um movimento operário desmontado, derrotado, incapaz de criar suas próprias instituições.

O curso para os militantes do movimento operário fora implantado em abril de 1925 e estava baseado em três lições: a primeira tratava sobre a teoria do materialismo histórico dialético; a segunda se referia a temas de política, tais como: revolução, economia, movimento operário; a terceira versava sobre teoria e organização do partido. Além desses, seriam publicados fascículos sobre temas específicos.

Todavia, uma primeira avaliação indicou problemas referidos à maneira de se transmitir esse conteúdo. Segundo Del Roio (2006), Gramsci temia que os alunos recebessem o conteúdo como uma teoria rígida que não pudesse ser questionada ou colocada à prova. Todos esses problemas eram agravados pelo fato de a escola funcionar por correspondência, o que não permitia que se considerasse a realidade do aluno, o que leva Gramsci a reafirmar a escola presencial como a melhor opção formativa.

Havia grandes obstáculos para se chegar à escola orgânica do trabalho e formar uma vanguarda de intelectuais da classe operária. Portanto, uma tarefa urgente e estratégica, na compreensão de Gramsci, era a conquista da maioria da militância para a disputa política que se daria no III Congresso do PCI, no qual, com efeito, obteve sucesso⁷. Nesse Congresso, Gramsci, juntamente com seus colaboradores, conseguiu aprovar a proposta de uma estratégia revolucionária para a Itália baseada na aliança entre os operários e os camponeses, uma frente única de classes subalternas que produzisse uma nova cultura para se contrapor ao fascismo “de modo que a revolução antifascista fosse também uma revolução anticapitalista” (DEL ROIO, 2006, p. 326). Ainda conforme assinala Del Roio, na visão de Gramsci:

Essa vanguarda, esses intelectuais devem se capacitar para gerir o processo produtivo e para administrar o Estado operário, mas têm também que se relacionar com aliados, sem os quais não se compõe a frente única das classes subalternas na luta antifascista e anticapitalista e não se cria uma nova cultura de organização do trabalho livre associado (DEL ROIO, 2006, p. 327)

Por fim, gostaríamos de finalizar o presente artigo tecendo algumas considerações iniciais a respeito da origem da categoria do trabalho como princípio educativo, já implícita, nesse momento (1ª fase da *L'Ordine Nuovo*), embora Gramsci a esta ainda não se referisse explicitamente. O que o revolucionário sardo quer dizer quando afirma que é no processo produtivo que os trabalhadores encontram o fundamento do processo de auto-educação e de auto-emancipação?

Consideremos, a título de ilustração, o processo de produção sob o capitalismo, no qual, o valor de uso dos produtos é subsumido ao seu valor de troca, os trabalhadores são despojados de todos os meios de produção e perdem o controle sobre o processo e o produto do trabalho. Aqui, como bem explicitou Marx, temos uma inversão do caráter do trabalho – de ato criativo para ato alienado.

⁷ A disputa no III Congresso do PCI girava em torno da tática de frente única, Gramsci objetivava convencer a maioria do partido que o mais apropriado naquele momento era unir os operários e os camponeses contra o Fascismo.

Ora, como podemos dizer, nesse caso, que o processo de produção é o fundamento da auto-educação do trabalhador? Em primeiro lugar, é preciso salientar que, conquanto ocorre uma inversão no caráter do trabalho, não se opera uma eliminação *in totem* do seu caráter criativo, criador. Este se encontra subsumido, mas permanece em germe.

Em segundo lugar, o ato de produção da existência humana requer, sob qualquer tipo de sociabilidade, certo grau de conhecimento acerca das leis naturais como condição essencial para a realização do próprio processo de produção. Gramsci considerava que os trabalhadores, inseridos no processo produtivo da riqueza social, já eram dotados de um conhecimento específico, ou seja, o trabalho teria um caráter educativo, apesar de sua forma alienante – especificamente histórico-social.

Em terceiro lugar, significa aliar esse conhecimento técnico à educação política do trabalhador. Na análise dos conselhos de fábrica de Turim, por exemplo, Gramsci diz que o “[...] conselho é o mais idôneo órgão de **educação recíproca** e de desenvolvimento do novo espírito social que o proletariado foi capaz de gerar a partir da experiência viva e fecunda da comunidade de trabalho”. (GRAMSCI, 2004, p.289, grifos nossos).

Referências

DEL ROIO, Marcos. **Gramsci e a educação do educador**. Campinas - SP, Cad. Cedes, vol. 26, n. 70, p. 311-328, set./dez. 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos**. Vol 1, organização e tradução, Carlos Nelson Coutinho; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. 3ª Ed rev e atual. São Paulo. Ed. Cortez, 2004.